

LER IMAGENS NO TEMPO E NO ESPAÇO: EXCEDENTE DE VISÃO NA ESCRITA DE CURRÍCULOS

Fabício José da SILVA¹
Rosângela Rodrigues BORGES²

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i1.3712>

Resumo: Neste artigo, tem-se por objetivo a busca e a análise de como o escrevente, na composição do gênero do discurso *currículo*, dialoga com (i) a voz social da instituição/ empresa, (ii) a equipe profissional e (iii) o contratante, valendo-se das noções de alteridade, exotopia, excedente de visão e cronotopo do endereçamento, de maneira a desvelar imagens de si e do outro, provocando naquele a sensação de estar vendo imagens desejadas de si. Para tanto, os modelos de currículo que constituem nosso *corpus* de análise foram selecionados, organizados e recortados, tendo como ponto de vista metodológico o paradigma indiciário e o excedente de visão na instância do olhar do pesquisador para a análise dos dados singulares. Como base teórico-metodológica, tem-se a perspectiva dialógica da linguagem, advinda do Círculo de Bakhtin, considerando-se a correlação entre exotopia, alteridade, excedência de visão, cronotopo(s) e cronotopo do endereçamento (Borges, 2017). Os resultados apontam que o candidato refrata a si e ao outro em seu percurso pela escrita do gênero currículo, desvelando imagens e construindo pontos de encontro que se configuram o cronotopo do endereçamento.

Palavras-chave: Relações dialógicas. Currículo. Escrita. Gêneros do discurso.

¹ Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; fabriciojosesilva48@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-7422-8989>

² Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), Alfenas, Minas Gerais, Brasil; rosangelarborges@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-1309-6462>

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

READING IMAGES IN TIME AND SPACE: A SURPLUS OF VISION IN CV WRITING

Abstract: This paper aims to search for and analyze how the writer, when writing a CV, dialogues with (i) the social voice of the institution/company, (ii) the professional team and (iii) the contractor, through the notions of alterity, exotopia, surplus vision and chronotope of addressing, in order to unveil images of themselves. To this end, the curriculum models that make up our *corpus* of analysis were selected, organized and cut out, using the indicative paradigm as a methodological point of view and the surplus vision in the instance of the researcher's gaze for the analysis of the singular data. The theoretical-methodological basis is the dialogical perspective of language, derived from the Bakhtin's Circle, considering the correlation between exotopia, alterity, surplus vision, chronotope(s) and chronotope of addressing (Borges, 2017). The results show that the candidates refract themselves and others in their journey through writing the CV, unveiling images and building meeting points that configure the chronotope of addressing.

Keywords: Dialogic relations. CV. Writing. Discourse genres.

Considerações iniciais

Na esfera da atividade humana denominada mercado de trabalho, a produção e a recepção de *currículos* afiguram-se como uma prática constantemente requerida e, portanto, a criação e a escrita do gênero do discurso currículo (Bakhtin, 2011) adquirem papel de relevo nessa seara. Para a produção desse gênero, candidatos a vagas de emprego recorrem a modelos de currículos disponíveis na *web*, bem como se valem de dicas e de sugestões cuja circulação se dá nas mais variadas esferas de comunicação digital, sobretudo nas redes sociais.

Tendo em vista a recorrente busca por modelos de currículos como fontes de inspiração ou como exemplos a serem seguidos, consideramos a hipótese de partida segundo a qual os modelos de currículo, encontrados em plataformas digitais, *refletem e refratam*, em termos bakhtinianos, os currículos que em outras ocasiões serão produzidos posteriormente por candidatos a vagas de emprego. Esses modelos, desta feita, permitiriam ao escrevente/candidato criar um *bom currículo* e atender às expectativas dos seus destinatários. Nesse processo tenso, dialógico e produtivo, algumas indagações entram em cena e suas respostas, no mais das vezes, tendem a ser encontradas e procuradas em modelos de currículos: "Como um *bom currículo* deve ser estruturado?", "Que informações devem ser privilegiadas quando da criação de um *bom currículo*?", "Quais feitos poderiam representar pontos de destaque no currículo?".

É exatamente esse ponto de tensão – o diálogo do candidato *na* e *com* a escrita – o problema a que nos propusemos investigar. Dito de outra maneira, considerando que os modelos de currículo representariam o que há de melhor em termos temáticos, estilísticos e composicionais desse gênero do discurso e que muitos candidatos se valem desses modelos como fontes de inspiração para a criação de seus próprios currículos, exploramos a seguinte indagação neste trabalho: “Como os modelos de currículos *refletem* e *refratam* as intenções dos candidatos e os fazem alçar a uma posição de candidato *ideal* para assumir a vaga de emprego?”.

Embasados metodologicamente no paradigma indiciário (Ginzburg, 1989, 2006) e no princípio bakhtiniano da propriedade dialógica da linguagem, objetivamos analisar como o candidato/escrevente dialoga com os seus possíveis destinatários, a saber: (i) voz social da empresa; (ii) a equipe profissional e (iii) o contratante, na composição do gênero do discurso modelo de currículo, por intermédio das noções de alteridade, excedência de visão, relações dialógicas, exotopia e cronotopo do endereçamento no momento em que se desvelam imagens de si e do outro nesse processo.

Para a análise, selecionamos dois modelos de currículo disponíveis nas plataformas Canva e Word, considerando que essas plataformas digitais são amplamente utilizadas em termos de produção de conteúdo e de processamento de textos. Em ambos os modelos, buscamos gestos de linguagem do escrevente – o candidato imaginário³ a vagas de emprego – na composição do gênero discursivo modelo de currículo. Nesse processo, ter-se-iam imagens refratadas de si pelo cronotopo e pelo excedente de visão em seus gestos de linguagem indicativos das réplicas a seu(s) possível(eis) destinatário(s), por ter sido orientado para a construção de um *bom currículo*, que atenderia às expectativas dos destinatários em voga.

Em vista desse cenário, este artigo está estruturado em cinco seções. Inicialmente, apresentamos os conceitos de relações dialógicas e de gêneros do discurso. Em seguida, tecemos considerações a respeito das noções de excedência de visão, alteridade, exotopia e cronotopo(s). Na sequência, apresentamos a metodologia, a análise do *corpus* e a discussão dos resultados. Apontamos, por fim, as considerações finais, tencionando refletir acerca da relevância do tema para a escrita de gêneros discursivos, em especial a criação de currículos.

³ Usamos o termo “imaginário”, pois os modelos de currículo não se referem a um candidato real, mas sim a um candidato em forma de personagem, isto é, um candidato imaginário.

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

Gêneros do discurso e relações dialógicas em correlação com o outro

As relações dialógicas, conforme Bakhtin, são constitutivas da linguagem. Por meio dela, todos os enunciados, em dado processo de comunicação, apresentam-se mediante relações dialógicas. As relações dialógicas, segundo nos lembra Fiorin (2017), amparado em Bakhtin, seriam as relações de sentido que podem ser estabelecidas entre dois enunciados e por meio das quais se dá a *interação humana* na relação com o *outro*. Para Maciel (2022, p. 136), também amparado em Bakhtin, as relações dialógicas são entendidas como “as relações entre as palavras e ideias de uma fala ou de um texto [...]”. Para o próprio Bakhtin (2011, p. 297, grifo do autor),

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições.

Nessa seara, a constituição do sujeito na/pela linguagem ocorre em razão da participação de um diálogo com outros textos, com outras vozes sociais, com outros discursos, esferas do letramento e com o outro. Todo objeto aparece, pois, embebido e envolto em discursos. Portanto, os enunciados – e não as unidades da língua – caracterizam-se por sua natureza dialógica e irrepetível, uma vez que, dada a sua funcionalidade, ao passo que se manifestam, adquirem uma nova entonação, um novo acabamento com base em ecos e em lembranças de outros enunciados.

A tese das relações dialógicas se sustenta, pois, nos domínios da racionalidade e da afirmação nas instâncias da consciência, visto que despreza a função que o inconsciente poderia desempenhar (Carvalho, 2012). No dizer de Bakhtin (2010, p. 11), “a consciência do autor é a consciência da consciência, isto é, a consciência que abrange e conclui essa consciência da personagem com elementos por princípio transgredientes a ela mesma”. Dito de outro modo, não há gratuidade/neutralidade nas manifestações das relações dialógicas, pois, na relação com o outro, e, portanto, no contato com o diálogo, há valorações adotadas por parte do falante ou do escrevente. Tais valorações são compreendidas por Bakhtin, em *Estética da criação verbal* (2011), como posições

axiológicas e, por isso, na perspectiva bakhtiniana, não há uma atuação inconsciente, pois o sujeito sempre leva em conta a presença do(s) interlocutor(es) com os quais, em dado processo de comunicação, ainda que de maneira velada, dialoga, com vistas a antecipar suas réplicas com base em enunciados anteriormente proferidos e com base no conhecimento adquirido – ou imaginado – acerca do(s) interlocutor(es).

Podemos inferir, portanto, que o enunciador, no ato da enunciação, ocupa uma posição exterior/exotópica, dado que o sujeito, na atuação consciente, tem o privilégio de conhecer (ou supõe conhecer) – mais ou menos profundamente – o outro, a quem se direciona a palavra, sendo o seu interlocutor. Desta feita, há a atuação de um excedente de visão e de conhecimentos que lhes são familiares (ou não) com relação a esse último. Evidentemente, na relação entre o *eu* e o *outro*, há um processo contínuo de diálogo, quer entre o enunciador e o seu coenunciador e, sobretudo na esfera da escrita, entre o escrevente e o seu destinatário/interlocutor. Colocando-se de outra forma, referimo-nos a um diálogo em andamento, sempre compreendido como um processo. Ainda que, na dupla pertença entre o *eu* e o *outro*, possa se questionar a respeito do outro, ao mesmo tempo se questiona sobre si mesmo, pois daí surgem suas posições axiológicas; ou seja, no contato com o outro e, portanto, com o diálogo, lançamos luz àquilo cujas valorações podem ser compreendidas tanto positiva quanto negativamente em relação ao outro.

Os gêneros do discurso caracterizam-se por seu conteúdo temático, por sua construção/estrutura composicional e por seu estilo (Bakhtin, 2011). Conforme Bakhtin (2011, p. 262, grifo do autor), “evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*”. Desse ponto de vista, os gêneros do discurso, portanto, são interpretados como *tipos relativamente estáveis* de enunciados; isso porque tais gêneros, no curso do desenvolvimento histórico do tempo, podem se alterar e desaparecer, o que suscita também a criação de novos gêneros. A epopeia, a título de exemplo, desaparece e dá lugar a novos gêneros, como os *memes*.

Os gêneros também são divididos por Bakhtin em primários e em secundários. Como gêneros primários, devemos entender aqueles que “[...] se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata” (Bakhtin, 2011, p. 263) e, portanto, estão “fortemente ligados à *comunicação discursiva imediata*, possuem *vínculo imediato com a realidade concreta*” (Maciel, 2022, p. 45, grifo do autor). Ou seja, tais gêneros apresentam um vínculo imediato com a realidade concreta, com o momento presente. Por essa razão, entendemos que os gêneros primários apenas são compreendidos quando de sua manifestação estritamente ligada a determinados espaços e tempos imediatos. Daí advém o seu caráter de realidade imediata. Um exemplo seria uma reunião com o orientador

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

de uma determinada pesquisa: embora o assunto tratado nessa reunião possa ser formal e complexo, tal reunião está direta e totalmente dependente do vínculo imediato com a realidade, haja vista que, se um dos participantes faltarem à reunião, por exemplo, a possibilidade de ela se concretizar será praticamente nula, inexistente.

Os gêneros secundários, por seu turno, “[...] surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc.” (Bakhtin, 2011, p. 263) e não apresentam esse vínculo diretamente ligado à realidade imediata. Uma história em quadrinhos, por exemplo, pode ser lida a qualquer momento do tempo e em vários espaços. Ou seja, não estamos imersos em uma relação de dependência com o tempo imediato, com o momento presente. Assim, compreendemos o gênero do discurso *currículo* – nosso objeto de análise – como um gênero secundário, dado que pertence a um contexto cultural de produção mais complexo e elaborado – o da seara do mercado de trabalho –; não apresenta esse vínculo diretamente ligado ao momento presente, à realidade concreta, e, portanto, atende às especificidades dessa esfera da atividade/comunicação humana.

Nesta seção, explicitamos as noções de relações dialógicas e de gêneros discursivos, tão caras à teoria do Círculo de Bakhtin. A seguir, passemos aos conceitos de exotopia, excedente de visão e cronotopo(s).

Excedente de visão e cronotopo(s) em processos de identificação com o outro

Na enunciação, o sujeito ocupa uma posição exterior em relação ao outro/destinatário. Referimo-nos à exotopia, visto que o enunciador, no mais das vezes, tem o privilégio de conhecer integralmente o seu destinatário – ou coenunciador –, o que configura a excedência de visão. Em linhas gerais, na relação axiológica entre o *eu* e o *outro*, é possível formar esteticamente em mim a imagem externa inacabada do outro, sendo o seu destinatário (Barbosa, 2012). Assim sendo, a partir do meu lugar único na existência, que não deixa de ser um lugar privilegiado, por se tratar de uma unicidade humana, sou eu que posso dar um acabamento externo à minha palavra, ao meu enunciado, à minha imagem e à imagem externa do outro/destinatário, tendo em vista o conhecimento adquirido – ou imaginado – acerca desse outro.

Para Bakhtin (2011), desse modo, o excedente da minha visão no que toca ao outro instaura uma gama de atos internos ou externos por meio da qual posso formar o meu conhecimento a respeito do outro, de sorte que esse conhecimento também possa completá-lo onde esse outro não possa se completar, pois, de certa maneira, é inacessível

a ele. Já para Bemong *et al.* (2015), ao contemplar um ser humano situado exteriormente a mim ou defronte a mim, nossas experiências sociais não se coincidem, uma vez que, independentemente da proximidade ou da posição do ser contemplado, partindo do meu espaço exterior, sempre vejo algo que esse outro, do seu espaço exterior e frontal, não consegue visualizar. Inferimos, portanto, o fato de alguns pontos serem acessíveis apenas a mim, não ao outro; e vice-versa. No dizer de Bakhtin (2011, p. 23),

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento.

Conforme Bakhtin (2011), de posse do diálogo, a existência no mundo se dá a partir de três instâncias que se inter-relacionam, quais sejam: o *eu-para-mim*, o *eu-para-o-outro* e o *outro-para-mim*. Sabemos que o sujeito não assume nenhuma delas isoladamente; na existência, ele atua transitando por esses três espaços. Embora, à primeira vista, possa parecer uma atitude centrada apenas no *eu*, o *eu-para-mim* também envolve – mais ou menos marcadamente – a presença do outro. Esse outro também resguarda um excedente de visão suplementar a mim mesmo: o outro consegue ver coisas que, do meu lado exterior, não sou capaz de enxergar inteiramente; seja meu corpo, minha expressão facial, seja minha presença no mundo. Nessa direção, com base na excedência de visão, o inverso também acontece: ainda que parcialmente, há, no outro, aquilo que me é inacessível. Em síntese: sou outro para outro *eu-para-mim*, e minhas posições axiológicas/valorações dependem, em grande parte, do *outro-para-mim*. Consoante Faraco, o autor-criador seria, então, “uma posição refratada [...] porque se trata de uma posição axiológica recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa; refratante porque é a partir dela que se recorta e reordena esteticamente os eventos da vida” (*apud* Rodrigues, 2012, p. 71).

Relacionada à noção de excedente de visão está a de cronotopo, cujo surgimento consiste, sobretudo, em determinar a *imagem* do homem na literatura. *Cronós* designa tempo; *topos*, o espaço. A correlação entre este e aquele determina uma representação/imagem do mundo. Bakhtin (2014, p. 211) explicita a noção de cronotopo como a “interligação fundamental das relações espaciais e temporais, artisticamente assimiladas em literatura”. Sendo uma categoria conteudístico-formal e por se tratar de uma interação recíproca entre tempo e espaço, representa o mundo e determina a *imagem* do indivíduo – sujeito, autor, enunciador, escrevente – nos textos. Para Bakhtin (2014), as línguas são

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

inerentemente cronotópicas. Os cronotopos da língua emergem da densidade e da fusão de indicadores temporais e espaciais e surgem

[...] a partir do papel da linguagem na mediação da relação entre subjetividade e intersubjetividade, na transformação recíproca da percepção individual [...] e de termos partilhados, mas abstratos, em modelos que dão forma inteligível à percepção privada (Ladin, 2015, p. 173).

Nas relações dialógicas, o tempo se concretiza, se materializa; ao passo que o espaço se torna carregado no tempo e respondendo aos movimentos deste. A correlação entre este e aquele forma, por conseguinte, um todo concreto e cuidadosamente pensado, haja vista que o sujeito constrói temporalidades, espacialidades, constrói-se e (re)formula a si mesmo por meio das relações entre sujeitos, tempos e espaços, na/pela linguagem.

Situado também no campo das relações anafóricas, os cronotopos podem coexistir. Imbricando-se e retomando-se uns aos outros e tomando seu sentido a partir das referências com as quais dialoga, podem confrontar-se, opor-se, da mesma maneira com que acontece com os gêneros do discurso e com os enunciados, marcados por sua irrepetibilidade e por sua instabilidade. Nos estudos literários, ao privilegiar uma obra como objeto de pesquisa/análise, por exemplo, são realizadas análises das mudanças decorrentes no espaço e no tempo, do desenrolar do enredo, representando, de saída, o mundo ficcional que lhe é inerente e elaborado pelo autor. De outra parte, nos estudos linguísticos, sabemos que, em cada gênero, há um distinto e singular cronotopo (Alves, 2012).

Ainda no que toca aos cronotopos, cumpre destacar, nesse particular, que estes não se apresentam apenas nos textos literários: artigos de opinião, charges, *memes*, retórica governamental, discursos de representações midiáticas – os gêneros do discurso em sentido *latu* – também se afiguram num palco em que cronotopos podem ser estrelados. Bakhtin (1990) apresenta diversos tipos de cronotopos, os quais emergem estritamente ligados aos índices do tempo transparecidos no espaço: o cronotopo da estrada, do encontro, da sala, do castelo, do salão, da cidade, do caminho. Tomado inicialmente, o cronotopo da estrada representaria o encontro/desencontro/convergência de trilhas. O do castelo, a saturação do passado histórico; o do salão, as salas de visita e a miniatura das relações sociais, dentre outros cronotopos não citados. Por esses caminhos (cronotopos), poder-se-iam reconhecer os índices de transformações do mundo a partir do princípio constitutivo dialógico da linguagem.

Situado na esfera da escrita⁴ está o conceito de *cronotopo do endereçamento*, cujo surgimento se dá a partir dos estudos de Borges (2017). Este, por sua vez, “se configuraria como uma estrada virtual, análoga ao cronotopo da estrada, proposto por Bakhtin (2014, p. 223), com pontos de encontro que indicariam, de forma mais (ou menos) marcada, o diálogo do escrevente com os seus possíveis destinatários” (Borges, 2017, p. 24).

Neste artigo, a relevância desse conceito reside na compreensão de que, numa relação recortada pelo viés valorativo entre o *eu* e o *outro*, por meio do excedente de visão, há em mim a imagem externa inacabada do outro. Com vistas ao seu acabamento externo, pela alteridade e pelas relações dialógicas, na materialidade discursiva do texto, eu endereço a palavra a outrem, procurando antecipar minhas réplicas a partir do conhecimento adquirido (ou imaginado) acerca desse outrem – *cronotopo do endereçamento*. Desse modo, com base no conhecimento adquirido (ou imaginado) em relação ao outro, o escrevente, no seu projeto discursivo e de acordo com os seus objetivos comunicacionais, endereça a sua palavra em direção a um determinado destinatário (o outro), por intermédio da interligação das relações temporais e espaciais, o que caracteriza a atuação do *cronotopo do endereçamento*.

O escrevente assume, assim, a posição do *outro-para-mim* no processo de constituição da escrita. Em outras palavras, o sujeito se distancia de si e, pela alteridade e pela excedência de visão, tenta dar o acabamento estético ao seu enunciado a partir do constante diálogo com o outro. Desse modo, não há uma relação que só exista completa e inteiramente em razão do *eu* para consigo mesmo (Rodrigues, 2012). No ato responsável, mediado pela consciência, o escrevente singulariza e objetiva a sua identificação – ou não – com outro indivíduo, ainda que pequena e parcialmente. Contudo, se, por um lado, à medida que essa identificação tende ao crescimento, aumenta o alcance, a compreensão e a harmonia presentes no diálogo; por outro, de encontro à harmonia e à compreensão, ao passo que essa identificação tende a diminuir, constata-se, gradativamente, a ineficácia das relações dialógicas. À vista disso, podemos citar que,

[...]se, por um lado, o processo de fala/escrita se particulariza no escrevente, por outro, seus “equivocos” são repletos de respostas que denunciam a *convivência* das práticas sociais, as quais, por sua natureza histórica, se transformam, estabelecendo novas relações dialógicas. Eis um modo interessante de vincular a criatividade do falante/escrevente à *particularidade* de sua inserção histórica e de suas relações com o enunciado do outro (Corrêa, 2003, p. 69, grifo próprio).

4 Inicialmente, Bakhtin emprega o conceito de “cronotopo” para o estudo de obras literárias. Neste trabalho, operamos com a noção de “cronotopo” sob um prisma discursivo, envolvendo escrita de gêneros discursivos.

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

Retomando a noção de cronotopo, vale explicitar sua função no plano da escrita. Um cronotopo exerce sua função no momento em que se determina, na escrita, a *imagem* de seu enunciador por meio da excedência de visão, segundo a qual reflete a realidade incorporada e materializada no tempo e no espaço. No que toca ao gênero currículo, por meio do excedente de visão e do cronotopo do endereçamento, o escrevente reflete a sua imagem, a imagem presente em seu imaginário a respeito desse gênero do discurso e da constituição do que acredita ser um *bom currículo* (Corrêa, 1997) e suas intenções tentando se apresentar como autor⁵ do que diz, num processo de elaboração, também, da imagem de futuro contratado que acredita ser a que o contratante deseja. Nessa perspectiva, o dizer do enunciador situa-se, portanto, espaçotemporalmente e em constante diálogo com o outro.

Na alternância – mais ou menos marcadamente presente – entre as noções de exotopia, alteridade, cronotopia e excedência de visão, o escrevente dialoga com o(s) seu(s) possível(eis) destinatário(s). Conforme Bakhtin (2011, p. 328-335), estes são: destinatário imediato, presumido e sobredestinatário – ou supradestinatário. O primeiro sendo aquele com quem o escrevente divide o horizonte social comum, o mais próximo deste; a quem se endereça o texto quando de sua produção. O segundo sendo aquele com o qual o enunciador lida de modo a presumir/imaginar quem seja, procurando antecipar suas réplicas em consonância com a compreensão adquirida (ou imaginada) acerca desse destinatário não tão próximo. O terceiro, por fim, sendo aquele cuja voz representa uma instituição; aquele que nunca estará presente fisicamente, ou seja, aquele mais distante do enunciador/escrevente. No contexto da produção de currículos, entendemos, neste trabalho, por destinatário imediato, o *contratante*; o destinatário presumido como a *equipe profissional*; e o sobredestinatário como a voz de uma instituição: *a voz social da empresa*.

Na seção seguinte, partindo dos conceitos anteriormente elencados, explicitamos noções com as quais desenvolvemos a metodologia e a análise do *corpus*.

Indícios, singularidades e vestígios como aspectos metodológicos

A noção de cronotopo, conforme Borges (2017), está direta e intrinsecamente relacionada à noção de espacialidade, isto é, o espaço é sócio e historicamente constituído pelo sujeito que, pela linguagem e pelas relações dialógicas com o(s) outro(s), transita por temporalidades para definir e construir as *imagens* e as *representações* dos espaços. A noção de excedente de visão, por sua vez, está mais para a temporalidade, e, por essa

⁵ “Autor” é usado aqui como sinônimo de “produtor de um texto”, isto é, o enunciador.

razão, para o sujeito que atua na/pela linguagem numa forte relação de alteridade – relação esta cuja manifestação apenas se dá diante do contraste com o mundo do outro, o que resulta na singularidade humana.

As noções de temporalidade e de espacialidade, nesse contexto, são utilizadas com vistas a, na análise da composição do gênero do discurso *modelo de currículo*, envolvendo criação e escrita do gênero em causa, tomar a noção de excedente de visão como ponto de investigação, como proposto por Borges (2017). Em paralelo, baseamos no paradigma indiciário (Ginzburg, 1989), e, ainda com maior ênfase, no princípio bakhtiniano da propriedade dialógica da língua(gem).

Na análise dos dados, ancoramo-nos no paradigma indiciário, proposto por Ginzburg (1989, 2006), associando-o à noção de excedente de visão operacionalizada como uma maneira de o pesquisador olhar para a singularidade dos dados do objeto de análise, conforme Borges (2017). Em termos gerais, o excedente de visão é aqui compreendido como um modo de olhar: (i) do pesquisador durante o processo de análise; e (ii) do escrevente em seu processo de constituição da escrita – escrita aqui concebida como um modo de enunciação. Para tal, trabalhamos com a comparação, identificação, seleção, observação e análise de indícios dos gestos de linguagem⁶ do escrevente no seu percurso pela escrita, cujos movimentos nesse trajeto – de retomada ou de antecipação – pudessem explicar os fatos discursivos ali presentes.

Em *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (1989), Ginzburg (1989, p. 150) se refere ao paradigma indiciário como um

[...] método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores [e que] pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais, ‘baixos’, forneciam a chave para aceder aos produtos mais elevados do espírito humano.

Há, nesse livro, uma ênfase na analogia presente entre Giovanni Morelli, crítico; Sherlock Holmes, personagem de Arthur Conan Doyle; e Freud. Isso porque os três desenvolveram seus métodos nos indícios diminutos e nos dados marginais⁷. Para Morelli, por exemplo, os dados poderiam revelar momentos em que o artista fugia completa e

6 Nesse contexto, são entendidos como movimentos de retomada e de antecipação no diálogo com os eventuais destinatários, denunciando os indícios das relações dialógicas estabelecidas entre candidato e diferentes destinatários na composição dos currículos.

7 Segundo Tinem e Borges (2003, p. 1), “Ginzburg introduziu uma nova maneira de fazer História, alimentando a ideia de transgredir as proibições da disciplina e ampliando seus limites, em uma abordagem que privilegia os fenômenos aparentemente marginais, intemporais ou negligenciáveis [...]”.

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

inteiramente ao seu controle, dando espaço, assim, às idiossincrasias, sem que ele se desse conta disso, o que revelaria traços puramente individuais.

Em Tinem e Borges (2003), há a afirmação conforme a qual, por meio da utilização desse paradigma, Ginzburg mostra o modo pelo qual, baseando-se naquilo que não é típico, isto é, naquilo que é, no mais das vezes, desconsiderado, pode ser uma alternativa mais eficiente em relação à descrição dos dados, visto que tal método se “constitui um caminho mais rico e produtivo, embora mais acidentado (e talvez exatamente por isso) para essa caracterização” (Tinem; Borges, 2003, p. 7).

Partindo da excedência de visão e do olhar de Ginzburg (2006), durante o processo de análise e de interpretação dos modelos de currículo – textos de tipologia textual predominantemente descritiva⁸ –, foram perseguidos os seguintes indícios: (i) de como o escrevente/candidato dialoga com o(s) seu(s) possível(eis) destinatário(s) na composição do gênero; e (ii) de como o escrevente/candidato estrutura o cronotopo do endereçamento como a forma de dialogar com os destinatários e revelar possíveis imagens de si e do outro num processo de refração e de acabamento.

Para além dos aspectos mencionados anteriormente, na coleta dos dados, recorreremos a dois modelos de currículos disponíveis, respectivamente, na plataforma Canva⁹ e também no processador de textos Word. Em relação à escolha de modelos de currículos como objetos de análise, pontuamos que, segundo o próprio reconhecimento da esfera da comunicação humana denominada mercado de trabalho, *modelos de currículos* são vistos como exemplos a serem seguidos para a construção desse gênero do discurso; o que sugere, inclusive, para muitos candidatos, que esses modelos são representativos do que há de melhor em termos temáticos, estilísticos e composicionais do gênero. No que diz respeito à escolha das plataformas digitais Canva e Word, selecionamos essas plataformas por entendermos ser ambas as mais recorrentes em termos de produção de texto/conteúdo em ambiente digital, mas, principalmente, em termos da produção do gênero currículo.

No que toca à escolha dos dois modelos de currículo analisados, tal escolha se baseou nos dados marginais, conforme a proposta do paradigma indiciário, mais precisamente na recorrência de indícios – gestos de linguagem – que pudessem indicar de forma mais perceptível o diálogo do candidato com os seus possíveis destinatários, por meio também das noções de alteridade, exotopia, excedente de visão e cronotopo do

⁸ Na construção composicional do gênero currículo, pode haver passagens de tipologia textual argumentativa; consideramos aqui a tipologia predominante, a saber: descritiva.

⁹ Disponível em: <https://www.canva.com/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

endereçamento. Logo, ambos os modelos de currículo foram eleitos para constituírem o *corpus* desta pesquisa sobretudo porque apresentam, dentre os modelos disponíveis nas respectivas plataformas digitais, maior recorrência de indícios de gestos de linguagem que podem ser interpretados como os vínculos dialógicos estabelecidos entre escrevente/candidato e destinatário(s) na construção dos modelos de currículo e na (posterior) construção do próprio currículo.

Esquemáticamente, adotamos o seguinte percurso metodológico ilustrado na figura a seguir:

Figura 1. Percurso metodológico



Fonte: Elaboração própria

Apresentamos e discutimos, na próxima seção, as análises advindas das interpretações dos modelos de currículo com base na metodologia supramencionada e nos conceitos que subsidiam as considerações que se seguem.

Exame das relações dialógicas na composição dos modelos de currículo

Fundamentados nas noções de cronotopo, excedente de visão, relações dialógicas e de outros conceitos que configuram o princípio dialógico da linguagem, apresentamos,

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

a seguir, considerações a respeito da análise de um modelo de currículo – nosso objeto de análise –, disponível na plataforma Canva. Apresentamos, ao mesmo tempo, réplicas do escrevente aos seus possíveis destinatários em tela (voz social da instituição/empresa, equipe profissional e contratante), compreendidas, também, como gestos de linguagem que denunciam a imagem do escrevente e do(s) destinatário(s) no processo de escrita. Embora os modelos de currículo sejam de livre acesso nas plataformas Canva e Word, na análise, utilizamos a identificação “escrevente 1 – E1”, para designar o(s) escrevente(s) relativo(s) ao primeiro modelo de currículo sob análise. “Escrevente 2 – E2”, por sua vez, para designar o(s) escrevente(s) relativo(s) ao segundo modelo de currículo sob análise.

Vejam os como se apresenta o primeiro modelo de currículo, disponível na plataforma Canva:

Figura 2. Modelo de currículo disponível na plataforma Canva



Fonte: canva.com

Com base no exemplo em tela, escolhas adotadas pelo escrevente configuram posições axiológicas que denunciam não só a imagem relativa ao escrevente e ao(s) destinatário(s), mas também o diálogo entre escrevente e destinatário(s). No que concerne ao diálogo com o seu destinatário imediato – entendido nesse contexto como o *contratante* –, podemos citar o breve resumo apresentado por E1 acerca de seu perfil profissional¹⁰. Na sentença “com mais de 7 anos de experiência”, percebemos que E1 tece um diálogo com o seu destinatário imediato – o contratante – com base na excedência de visão, dado que antecipa réplicas desse destinatário em relação à sua experiência profissional, pois, segundo o próprio reconhecimento dessa esfera da comunicação humana (o mercado de trabalho), a experiência é compreendida como um elemento importante na decisão de contratação. Mais do que isso: a experiência torna-se ainda mais fundamental a depender de com o quê se deu essa experiência. Por isso, E1 apresenta para o seu destinatário imediato o fato de essa experiência ter se desencadeado no âmbito do desenvolvimento de códigos para negócios. A menção às especificidades das experiências anteriores se torna uma estratégia produtiva nesse diálogo, tendo em vista que a experiência pode estar diretamente relacionada ao cargo pretendido na empresa.

Ao citar “aumentei em 60% a eficiência de programação”, E1 tenciona mostrar ao seu destinatário imediato uma imagem de profissional competente, eficiente e produtivo em termos de mercado, acreditando ser essa a imagem que o contratante, a equipe profissional e a empresa esperam receber do candidato. Saliente-se que, com base no modelo apresentado, tal informação poderia ser comprovada, dado que se refere a uma experiência anterior vivenciada pelo candidato em determinada empresa. Isso nos levaria a afirmar que o modelo de currículo sugere que seja importante indicar ao destinatário imediato a veracidade¹¹ das informações apresentadas, por meio de comprovações, como a experiência em trabalhos anteriores.

O fato de mencionar, por meio do excedente de visão e do cronotopo do endereçamento, que foi *indicado* e *vencedor* em categorias de premiações também se mostra uma estratégia produtiva no diálogo com o destinatário imediato. A atuação da excedência de visão se torna profundamente marcante neste momento, pois apenas o fato de já ter sido indicado em categorias de premiação configurar-se-ia uma estratégia

¹⁰ Evidentemente, estamos diante de um *modelo de currículo*; logo, o texto será modificado e adaptado de acordo com o perfil profissional e com as intenções de cada escrevente/candidato a vagas de emprego. No entanto, o modo pelo qual o modelo é apresentado poderá refletir diretamente na composição de um determinado currículo, visto que modelos são exemplos a serem seguidos e, portanto, fontes de inspiração.

¹¹ Sabemos que pode haver informações inverídicas na apresentação de currículos; por isso, o fato de apontar as experiências vivenciadas pode funcionar como um instrumento de comprovação do que está sendo dito pelo candidato.

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

perspicaz para a contratação. Com a menção ao fato de ter vencido a categoria, EI tece um diálogo com o seu destinatário imediato, de maneira a evidenciar, por meio de posições axiológicas, seu excelente desempenho profissional na área em que atua, contribuindo para a noção de competitividade intrínseca à seara do mercado de trabalho.

No que tange ao diálogo com o seu destinatário presumido – a equipe profissional –, podemos citar as habilidades apresentadas pelo candidato como um vestígio marcadamente representativo desse diálogo. Como indício mais evidente do diálogo com o destinatário presumido, temos a menção da habilidade “trabalho em equipe”. Evidentemente, para o bom funcionamento da empresa, é necessário trabalhar bem em equipe, saber desenvolver os projetos em consonância com o outro. Tudo isso demanda *inteligência emocional* por parte do candidato; essa inteligência, por sua vez, está implícita no momento em que EI cita a habilidade “trabalho em equipe” por meio do diálogo com o seu destinatário presumido e sobretudo com base nas noções de excedente de visão e cronotopo do endereçamento.

Outro gesto de linguagem que se configura uma estratégia produtiva para o diálogo com a equipe profissional é a habilidade “pensamento criativo”, citada por EI. Essa menção se mostra uma escolha produtiva exatamente na medida em que o pensamento criativo pode contribuir para o desenvolvimento de projetos eficientes e inovadores, o que contribui para que a empresa se destaque no mercado competitivo, bem como pode promover a imagem de um time de profissionais competentes.

Como todo trabalho em equipe, há sempre as divergências e os conflitos. Levando em consideração essa possibilidade, EI, por meio da excedência de visão, cita em seu diálogo com o destinatário presumido a habilidade de resolver conflitos. Tal habilidade também demonstraria, nesse contexto, uma inteligência emocional por parte do candidato, sobretudo no contato com os colegas de profissão. Além do mais, ao citar a habilidade “resolução de problemas”, é de se pressupor que o escrevente tenha a intenção de denunciar à equipe profissional a imagem de profissional sensato e assertivo em termos de resolução de conflitos, refletindo também maturidade emocional.

A habilidade “liderança” está diretamente ligada também ao campo das relações entre os colegas de profissão, assim como a habilidade “resolução de problemas”. Por meio da liderança, EI, no diálogo com a equipe profissional – seu destinatário imediato –, provoca uma imagem de profissional proativo, o que é também uma competência muito desejada por contratantes, bem como pela equipe profissional. Já a habilidade “programação”, por sua vez, estaria mais relacionada a uma competência individual e não demonstra, portanto, um diálogo mais direto com a equipe profissional, mas sim

faz referência a uma habilidade de cunho mais voltada às ações que se desenvolvem ou podem vir a ser desenvolvidas na prática em termos de produção.

Por fim, como indícios do diálogo com o sobredestinatário – a voz social da instituição/empresa –, temos como exemplo toda a construção composicional desse modelo de currículo. O espaço destinado às premiações, por exemplo, mostra ao sobredestinatário como a presença do escrevente/candidato poderia contribuir para que a empresa se destaque no mercado, dado que opera(ria) com um time de profissionais renomados. Um indício que desperta a atenção no que se refere ao diálogo com a voz da instituição é o fato de El citar que foi vencedor de um determinado prêmio. A simples indicação a um prêmio já se configuraria um ponto de destaque para o candidato; a menção ao fato de ter vencido demonstra, por parte do candidato, todo o resultado e o reconhecimento de sua dedicação na área em que atua. Esse gesto de linguagem se mostra uma estratégia produtiva especialmente na medida em que o escrevente se distancia de outros candidatos, contribuindo de maneira incisiva para a sua contratação. Dito de outro modo, com base na excedência de visão e no diálogo com o sobredestinatário, El tenta se destacar em relação a outros candidatos, suscitando uma imagem de profissional renomado e altamente qualificado.

No que toca às experiências profissionais, a descrição dessas experiências também se mostra como estratégias produtivas para a posterior contratação do candidato. Ao citar “responsável por liderar equipes” e “construí uma infraestrutura que lida com milhões de arquivos”, por meio do cronotopo do endereçamento e da excedência de visão, El tece um diálogo argumentativo com a voz social da empresa, sobretudo porque tenta comprovar como as ações desempenhadas em experiências anteriores *refletem* e *refratam* suas habilidades como profissional e, inclusive, o modo pelo qual suas ações, especificamente, contribuíram para o desenvolvimento e para o crescimento da empresa.

Gesto de linguagem semelhante se repete com a formação acadêmica: El não se contenta em citar a pura e simples formação, como também cita os feitos durante a graduação. Palavras como “criador”, “mentor” e “primeiro clube” são escolhas lexicais que denunciam posições axiológicas de alto teor de convencimento por parte do candidato. Essas escolhas se dão em virtude da imagem que o escrevente acredita ser a que a voz da instituição/empresa deseja receber; por isso, com base nas relações dialógicas que tece com todos os seus possíveis destinatários – imediato, presumido e sobredestinatário –, El suscita a imagem desejada de um profissional altamente habilidoso, competente e qualificado, por meio, também, da imagem preconcebida em seu imaginário relativa a esses destinatários.

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

Vejamos, neste momento, outro modelo de currículo, disponível no processador de textos *Word*:

Figura 3. Modelo de currículo disponível no processador de textos Word



ZURAIDE ELORRIAGA

Boston, MA | 916.555.0123 | zuraide@example.com | greatsiteaddress.com

Farmacêutico licenciado com mais de 7 anos de experiência em ambientes de varejo e farmácia clínica. Forte experiência em dispensa de medicamentos, fornecimento de aconselhamento de pacientes e colaboração com provedores de serviços de saúde para otimizar o atendimento aos pacientes.

EXPERIÊNCIA

JANEIRO DE 20XX-AGOSTO DE 20XX

FARMACÊUTICO, LAMIERE LABS

Dispense medicamentos com precisão e eficiência, garantindo o cumprimento das leis estaduais e federais.

Fornecer educação ao paciente sobre terapia medicamentosa, efeitos colaterais e interações medicamentosas.

MARÇO DE 20XX-JANEIRO DE 20XX

FARMACÊUTICO, TREY RESEARCH

Coordenado com as empresas de seguros para processar declarações e resolver problemas.

Técnicos treinados e supervisionados em operações diárias e atendimento ao cliente.

EDUCAÇÃO

JUNHO DE 20XX

FARMACÊUTICO, UNIVERSIDADE DE JASPER

Recebeu o prêmio Dean's List por manter altas notas e excelência acadêmica.

MAIO DE 20XX

BIÓLOGO, FACULDADE BELLOWS

O aluno foi reconhecido como o aluno de farmácia mais excelente do ano.

HABILIDADES

- Conhecimento forte de medicamentos, interações com medicamentos e efeitos colaterais
- Excelentes competências de comunicação escrita e oral
- Atenção aos detalhes e à precisão na liberação de medicamentos e na manutenção de registros
- Capacidade de colaborar com eficiência com provedores de serviços de saúde e outros membros da equipe

ATIVIDADES

Membro ativo da Associação Nacional de Profissionais de Farmácia (ANPF) e participou de vários eventos voluntários e de rede profissional destinados a promover o papel do farmacêutico em serviços de saúde.

Fonte: Word

Tomando por base este segundo modelo, podemos notar que o espaço reservado à breve descrição pessoal concernente ao candidato/escrivente representa o diálogo de E2 com o seu destinatário imediato, qual seja: o contratante. Por meio do cronotopo do endereçamento e do excedente de visão, E2 antecipa réplicas a possíveis indagações que poderiam ser feitas pelo contratante, como tempo de experiência no mercado de trabalho e principais atividades realizadas em experiências anteriores. A sentença “com mais de 7 anos de experiência” é uma valoração adotada pelo candidato tendo em vista a imagem preconcebida em seu imaginário a respeito do destinatário imediato e também a imagem que acredita ser aquela que o contratante deseja receber. Desta feita, a menção ao tempo relativo à experiência torna-se relevante por parte do candidato, sobretudo porque acredita ser este um ponto positivo em sua carreira e que, portanto, merece ser considerado pelo destinatário/contratante.

Gesto de linguagem semelhante seria o uso de “forte experiência” com vistas a demonstrar ao seu destinatário que o tempo em atuação na área resulta-se em forte experiência. O uso de adjetivos, portanto, é um evidente indício do diálogo do escrevente

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

com os seus destinatários, bem como de valorações adotadas pelo escrevente no diálogo com o(s) seu(s) destinatário(s), tendo por base as imagens refratadas tanto em relação a si como em relação ao outro.

No que concerne ao diálogo com o seu destinatário presumido – a equipe profissional –, tomemos como exemplo o espaço dedicado às habilidades. Em se tratando da área de atuação em causa – farmácia –, é de se esperar que o candidato tenha um amplo conhecimento a respeito dos medicamentos e de suas respectivas indicações e funcionalidades. Para demonstrar essa habilidade, E2 opta por valorações (escolhas lexicais), como “conhecimento forte de medicamentos”. Entendemos ser possível afirmar que este seria um indício do diálogo do candidato com a equipe profissional, pois, a fim de que se promovam atendimentos de qualidade, é necessário que o farmacêutico disponha de um amplo conhecimento referente a medicamentos; não sendo necessário recorrer, por exemplo, a outros farmacêuticos – entendidos como colegas de profissão.

Gestos de linguagem como “excelentes competências de comunicação escrita e oral”, por meio do excedente de visão, denunciam a imagem de um candidato com potencial desempenho comunicativo, o que também é de suma importância no atendimento ao público consumidor de determinados medicamentos. Assim, direta ou indiretamente, E2 demonstra ao seu destinatário presumido (a equipe profissional), com base no diálogo com esse destinatário, o fato de que ele também pode vir a ser um integrante “de peso” para o time dos que compõem os farmacêuticos da empresa.

A sentença “capacidade de colaborar com eficiência com provedores de serviços de saúde e outros membros da equipe” é um explícito indício do diálogo do candidato com o seu destinatário presumido – a equipe profissional. Esse diálogo se torna bastante evidente exatamente na medida em que o E2 cita “outros membros da equipe”, pois leva em consideração o desenvolvimento pleno da equipe, deixando em implícito, por exemplo, por meio da excedência de visão, habilidades como inteligência emocional e relações humanas.

Como indícios representativos do diálogo do escrevente com o sobredestinatário – entendido nesse contexto como a voz social da instituição/empresa –, tomemos como exemplo os espaços reservados à formação acadêmica e às experiências profissionais. Observamos que há uma certa preocupação por parte do candidato¹² em demonstrar seus feitos acadêmicos, como manter um padrão de boas notas, excelência enquanto discente, bem como prêmios recebidos durante a formação acadêmica. Todos esses

¹² Entende-se que há um candidato subentendido, embora se trate de modelos de currículo, visto que o modelo toma como exemplo um candidato imaginário.

fatores lançam luz à imagem de um farmacêutico com o qual a empresa deveria trabalhar, visto que o candidato aponta suas habilidades não só como farmacêutico no mercado de trabalho, mas também no âmbito dos estudos, enquanto estudante. Esses apontamentos são tecidos no currículo com base nas noções de alteridade, exotopia, excedência de visão e cronotopo do endereçamento, uma vez que E2 leva em conta essas noções para formular o seu diálogo com o(s) possível(eis) destinatário(s).

No que toca ao espaço composicional reservado às experiências profissionais, transitando por posições axiológicas, E2 também opta, assim como em E1, por descrever as funções quando das experiências em empresas pelas quais passou anteriormente. Sendo assim, gestos como “dispensar medicamentos com precisão e eficiência” são tecidos no diálogo com o sobredestinatário, pois asseguram à voz social da empresa que o candidato está apto a dispensar outros medicamentos também com precisão e eficiência, pois tal ação, em momentos passados, já foi devidamente realizada em outros setores.

O uso dos adjetivos, entendidos como valorações/posições axiológicas, nesse caso, também contribui para a formulação da imagem que o candidato deseja refletir aos seus destinatários. Gesto semelhante ocorre em “técnicos treinados e supervisionados em operações diárias”, pois denotam que o candidato, com base na excedência de visão, é também um supervisor eficiente, dado que já realizou essa atividade em momentos passados. Assim, a construção composicional, o conteúdo temático e o estilo desses modelos de currículo são formulados tendo em vista o diálogo com os possíveis destinatários, bem como as imagens refratadas em relação a si – candidato à vaga de emprego – e em relação ao outro – destinatário.

O candidato/escrivente busca, dessa maneira, no processo de composição do gênero currículo, criar uma imagem positiva de si para o(s) destinatário(s) em relação ao seu perfil profissional e alcançar a plena convicção de que ele seria o candidato *ideal* para assumir a vaga. Essas imagens são criadas mediante réplicas a esses possíveis destinatários, que, indiretamente, fazem parte desse diálogo. Ainda que nossos objetos de análise sejam *modelos de currículo*, e não currículos propriamente ditos, podemos afirmar que os resultados a que chegamos também são relativos a currículos individuais existentes, pois o modelo serve justamente como inspiração para a criação do currículo oficial e, como tal, com base nas influências recebidas dos modelos de currículo disponíveis, possivelmente o modelo de currículo será adaptado conforme a formação e o perfil profissional do candidato à vaga de emprego.

Retomando Faraco, citado por Rodrigues (2012), o *autor* é uma posição refratada e refratante. Assim, o escrevente refrata a si mesmo, cria uma imagem e, concomitantemente,

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

refrata o outro, numa relação de alteridade com esse outro, processo mediado pelo excedente de visão e pelo cronotopo do endereçamento (Borges, 2017). Mesmo que certos recursos linguísticos estejam ausentes, conforme Bakhtin (2011, p. 327), “ainda assim o enunciado refletirá, com grande agudeza, a influência do destinatário e da sua presumida resposta que o locutor seleciona todos os recursos linguísticos de que necessita”.

Apoiados nessas análises, os resultados apontam que o enunciado *reflete* a influência do diálogo do candidato com o(s) destinatário(s) no seu percurso pela composição do gênero do discurso currículo. Para tal, faz uso de estratégias para a constituição do que acredita ser um *bom currículo*. Tais estratégias indiciam noções de exotopia, alteridade, cronotopo do endereçamento, relações dialógicas e de excedente de visão sendo mobilizadas no processo de escrita do gênero currículo para atender às expectativas dos destinatários e tentar construir a imagem de profissional que acredita ser aquela que a empresa deseja receber, com base, também, na imagem relativa aos diferentes destinatários preconcebida em seu imaginário. Essas noções fundamentam o percurso do escrevente/candidato no trabalho com a escrita do gênero currículo ao buscar construir imagens refratadas em relação a si e ao outro.

Atomadade decisões reveladoras das escolhas de posições axiológicas determinadas pelo escrevente, bem como a significância dessas escolhas são indicadas na constituição do texto, o que nos leva a depreender que, na composição de currículos, o candidato, em diálogo também com o contratante, com a equipe profissional e com a voz social da empresa, define pontos de contato com esses diferentes destinatários mencionados. Ou seja, como o escrevente/candidato busca atender às expectativas dos destinatários e a razão pela qual ele escolheu determinados recursos linguísticos em detrimento de outros.

Considerações finais

Neste artigo, tencionamos analisar de que maneira o candidato dialoga com os seus possíveis destinatários, a saber: (i) voz social da empresa/instituição, (ii) contratante e (iii) a equipe profissional, na composição do gênero *modelos de currículo*; valendo-se das noções de alteridade, posições exotópicas e axiológicas, relações dialógicas, excedência de visão e cronotopo do endereçamento ao revelar imagens de si nesse processo, como também as possíveis imagens que constrói relativas ao outro. Para tanto, valemo-nos do paradigma indiciário, proposto por Ginzburg (1989, 2006), ao buscar indícios – gestos de linguagem – de como o escrevente dialoga com os seus destinatários, por meio das noções de alteridade, cronotopo(s) e excedente de visão –, propostas pela teoria do Círculo de Bakhtin, na composição do gênero do discurso currículo.

Desta feita, constatamos que, num processo de refração de si e do outro (destinatário), o candidato desvela imagens por meio da alteridade, da exotopia e da excedência de visão, de modo a construir pontos de encontro que configuram a atuação do cronotopo do endereçamento na escrita de currículos. Com efeito, as relações dialógicas entre candidato e destinatário se dão nas réplicas por meio das quais se denunciam posições axiológicas/valorações adotadas pelo escrevente na composição do que acredita ser um *bom currículo* tendo em vista as expectativas dos seus possíveis destinatários.

A noção de cronotopo do endereçamento se torna produtiva especialmente na medida em que se compreende o fato de o candidato procurar marcar o diálogo com os seus destinatários no momento em que objetiva antecipar valorações que esses possam fazer acerca de seu currículo e acerca de si próprio, num processo de refração de si e do outro. Estando esses conceitos presentes quando da criação e da escrita de currículos, podem contribuir para a reflexão da não gratuidade das escolhas das quais o candidato/escrevente se apropria na escrita de seu próprio currículo, ainda que ele esteja seguindo um modelo de currículo.

Quanto aos principais resultados decorrentes deste trabalho, destacamos a importância de o candidato a vagas de emprego compreender, ainda que de modo superficial, as noções de alteridade, exotopia, excedência de visão, cronotopo e cronotopo do endereçamento para a reflexão de *como* e *por que* determinadas escolhas lexicais, fraseológicas e estilísticas contribuem para a criação de um *bom currículo* em termos estilísticos, temáticos e composicionais. Quanto a sugestões de desenvolvimento de novas análises, outros gêneros discursivos podem ser estudados, em termos de composição, à luz das noções de relações dialógicas, excedência de visão, exotopia, alteridade e cronotopo do endereçamento.

Referências

ALVES, M. C. O cronotopo da sala de aula e os gêneros discursivos. **Signótica**, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 305-322, jul./dez. 2012.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. rev. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

- | Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e Estética**: a teoria do romance. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BARBOSA, E. A. O narrador em Mikhail Bakhtin. *In*: BRANDÃO, L. A. (org.). **Respostas a Bakhtin**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

BEMONG, N.; BORGHART, P.; DOBBELEER, M.; DEMOEN, K.; TEMMERMAN, K.; KEUNEN, B. (org.). **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas/Nele Bemong *et al.*; tradução Oziris Borges Filho *et al.* 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BORGES, R. R. **Escrita de professores em formação inicial**: o papel do excedente de visão. 2017. 269 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BORGHART, P.; DOBBELEER, M.; DEMOEN, K.; TEMMERMAN, K.; KEUNEN, B. (org.). **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Tradução Oziris Borges Filho *et al.* 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

CANVA, **um kit de criação visual para todo mundo**. Disponível em: <https://www.canva.com/> Acesso em: 21 jan. 2024.

CARVALHO, M. E. M. Diálogo, consciência e alteridade: notas sobre a teoria do romance de Mikhail Bakhtin. *In*: BRANDÃO, L. A. (org.). **Respostas a Bakhtin**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

CORRÊA, M. L. G. **Linguagem & comunicação social**: visões da lingüística moderna. São Paulo: Parábola, 2003.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. 1997. 422 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. 1. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 [1939].

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução Maria Betânia Amoroso; tradução dos poemas José Paulo Paes; revisão técnica Hilário Franco Jr. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LADIN, J. "Não era morte": a carreira poética do cronotopo. *In*: BEMONG, N.; BORGHART, P.; DOBBELEER, M.; DEMOEN, K.; TEMMERMAN, K.; KEUNEN, B. (org.). **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Tradução Oziris Borges Filho *et al.* 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MACIEL, L. V. C. **Para entender os gêneros do discurso**. Araraquara: Letraria, 2022.

RODRIGUES, F. W. Uma estética bakhtiniana: o eu no outro e a definição do literário. *In*: BRANDÃO, L. A. (org.). **Respostas a Bakhtin**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

TINEM, N.; BORGES, L. Ginzburg e o paradigma indiciário. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22, 2003, João Pessoa. **Anais do XXII Simpósio Nacional de História**: História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/24-snh22>. Acesso em: 02 fev. 2024.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: SILVA, Fabício José da; BORGES, Rosângela Rodrigues. Ler imagens no tempo e no espaço: excedente de visão na escrita de currículos. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 269-293, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 12/03/2024 | Aceito em: 14/06/2024.
